FATORES DE VULNERABILIDADE DOS JOVENS AO CONSUMO DE DROGAS EM UMA CIDADE DO INTERIOR DO RIO GRANDE DE SUL

Margarita Rosa Mejía¹, Marla Regina Pavon Gallina²

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma dissertação de mestrado que analisa fatores de vulnerabilidade dos jovens à drogadição em uma cidade de interior de baixa densidade populacional do Rio Grande do Sul. É um estudo de caso sobre um problema recorrente neste Estado, a drogadição entre jovens, situando as reflexões em pequenos municípios do interior. Nesse sentido, através desta pesquisa pretende-se apontar fatos sociais que permeiam o fenômeno da drogadição no âmbito de pequenas cidades. O texto é dividido em duas partes, a primeira analisa a posição social do jovem na sociedade contemporânea, de maneira geral, fundamentado em estudos sociológicos (FAVERO et al., 2007) referentes à categoria social jovem e às vulnerabilidades associadas a esta fase de vida. A segunda parte discorre acerca de diversos elementos de vulnerabilidade dos jovens às drogas, tomando como referência o modo de vida dos jovens em uma cidade de interior na qual a mestranda atuava como enfermeira no setor de atendimento aos usuários de drogas. A coleta de dados no universo empírico deu-se tanto na vivência da pesquisadora como enfermeira quanto nas ferramentas metodológicas utilizadas em pesquisas etnográficas: observação, relatos de trajetórias de vida e entrevistas dirigidas. Material que foi analisado buscando responder às três questões que nortearam a pesquisa: a) fatores individuais e sociais que condicionam os jovens a entrar no mundo das drogas; b) em que medida a categoria social jovem é mais vulnerável do que outras categorias sociais à drogadição; c) quais são os elementos de vulnerabilidade ao consumo de drogas em cidades do interior do Rio Grande do Sul. Os resultados da pesquisa apresentados neste artigo podem servir de referência na elaboração de programas e políticas dirigidas tanto a prevenir esse problema social quanto a enfrentá-lo quando acontece, considerando a complexidade e a multiplicidade de fatores envolvidos.

Palavras-chave: Jovens. Vulnerabilidade. Drogas. Cidade de interior.

VULNERABILITY FACTORS OF YOUNG PEOPLE TO DRUG USE AND THE DRUGS WORLD IN AN INNER CITY OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: The article presents the results of a master degree dissertation that analyzes vulnerability factors for young drug addiction based on a case study performed in an interior town with low population density in Rio Grande do Sul. It is a case study of a recurring problem in this state, the drug addiction

1 Mestre em Ambiente e Desenvolvimento. Professora Dra PPGAD da Univates.

2 Mestre em Ambiente e Desenvolvimento no PPGAD da Univates. Professora do Curso de Enfermagem da Univates.

among young people, placing the reflections in small municipalities. In this sense, through this research we intended to point social facts that permeate the drug addiction phenomenon in small towns context. The text is divided in two parts, the first analyzes young's social position in contemporary society context, generally speaking, based on sociological studies (FAVERO et al., 2007), relating to young social category and vulnerabilities associated with this phase of life. The second part talks about various elements of vulnerability of young people to drugs, taking as reference the young people way of life in a small town where the master student worked as a nurse in attendance to drug users. Data collection in the empirical universe took place both in the experience of the researcher as a nurse and following the methodological tools used in ethnographic research: observation, life histories of reports and structured interviews. These informations were analyzed seeking to answer the three questions that guided the research: a) individual and social factors that influence young people to enter the world of drugs; b) in what extend the young social category is more vulnerable than other social categories to drug addiction; c) what are the vulnerability elements to drug use in inner cities of Rio Grande do Sul, Brazil. The survey results presented in this paper, which contributes to deepen the subject, can serve as a reference in the development of programs and policies directed both at preventing this social problem as to face it when it happens, considering the complexity and multiplicity of factors involved.

Keywords: Young. Vulnerability. Drugs. Little city.

Apresentação

O presente artigo visa a analisar diversos fatores de vulnerabilidade dos jovens ao consumo de drogas. Por um lado, aborda aspectos gerais da posição social do jovem no marco da sociedade contemporânea neoliberal, baseado em estudos sociológicos que analisam o significado desta categoria social e apontam para as vulnerabilidades decorrentes dessa fase da vida. Na segunda parte, situamos a análise dos elementos de vulnerabilidade dos jovens às drogas no âmbito de uma cidade de interior do Rio Grande do Sul, selecionada como estudo de caso para refletir sobre o problema social da drogadição, fenômeno recorrente na maioria das cidades, sejam grandes concentrações urbanas ou pequenas cidades interioranas. A inserção no campo foi favorecida porque uma das autoras atuava como enfermeira da unidade de saúde durante a elaboração da pesquisa. Exercia, entre suas funções, o atendimento a usuários de drogas que acudiam à procura de tratamento por dependência química. Fenômeno que a motivou a aprofundar o problema, uma vez que no exercício de sua atividade, como enfermeira, percebeu o aumento progressivo da demanda por este tipo de atendimento.

A posição como profissional da saúde em atenção às vítimas (jovens e seus familiares) de drogas, aliada à sua convivência com este universo empírico, em vista de sua proximidade social com os moradores do município onde atuava, bem como seu interesse em entender este fato da perspectiva sociológica, lhe conferem um viés metodológico diferenciado, enquanto permitiram uma abordagem multidimensional.

Foram utilizadas as ferramentas metodológicas de pesquisas etnográficas: observação, relatos de trajetórias de vida e entrevistas dirigidas. As observações foram feitas considerando a trajetória de 22 jovens, dos quais seis concederam entrevista para a pesquisadora. Por diversos motivos não foi possível entrevistar os demais, um deles foi excluído da amostra porque constitui família, portanto, não atendia os critérios de

inclusão no universo da pesquisa; onze não deram resposta ao convite de participar da pesquisa; um se negou a responder por acreditar que seria muito dolorido falar sobre a dependência; dois estavam em situação de privação de liberdade; um estava vivendo e trabalhando em um prostíbulo num município vizinho e um faleceu por acidente de trânsito. No entanto, a proximidade da pesquisadora com a trajetória destes jovens proporcionou as informações necessárias para desenvolver o problema de pesquisa. Material que possibilitou analisar a interdependência entre as diversas dimensões sociais. Igualmente, o envolvimento emocional da pesquisadora com o problema dos jovens usuários se tornou uma fonte de dados na pesquisa. A presença de sentimentos e emoções confere à representação coletiva um status epistemológico particular, uma vez que agrega à cognição a não racionalidade (OLIVEIRA, 1991).

Iniciaram-se as reflexões norteadas por três questões: a) que fatores condicionam os jovens a entrar no mundo das drogas; b) em que medida a categoria social jovem é mais vulnerável do que outras categorias sociais a este tipo de problema; c) quais são os elementos de vulnerabilidade ao consumo de drogas em cidades do interior do Rio Grande do Sul, não muito populosas, em torno de 5.000 habitantes, mas que se constituem em territórios físicos e sociais que contribuem para a proliferação do uso e abuso de drogas ilícitas.

Vulnerabilidade social do jovem na contemporaneidade

Para aprofundar sobre a problemática proposta, o texto começa com a reflexão sobre o significado da categoria jovem, sujeitos deste estudo. Neste caso, entende-se por jovem aquele que possui uma dependência velada, financeira ou afetiva, do núcleo familiar de origem (pai, mãe ou responsável) - e não constituiu uma unidade familiar independente. Adota-se como critério de inclusão na categoria jovem, não a faixa etária e sim o lugar que o sujeito ocupa na sociedade. A idade não é o único elemento de referência para identificar a condição juvenil, pois essa condição muda conforme o contexto histórico, social e cultural (MEJIA, 2012).

Contudo, de um modo geral, como trata a literatura sobre o assunto, o jovem representa uma categoria social vulnerável devido às peculiaridades dos ambientes em que se desenvolve. No contexto das periferias das cidades, os jovens representam o setor social mais vulnerável às transformações contemporâneas ocorridas na atividade econômica neoliberal e no modo de vida. Novaes e Vannuchi (2004) pensando em nível mundial afirmam que “os jovens são os alvos de mudanças sociais em curso. Eles são os mais atingidos pela retração do mercado, pela terceirização e flexibilização das relações de trabalho” (p. 8).

Um balanço da situação contemporânea dos jovens revela que enquanto a falta de alternativas de trabalho e lazer não é traço novo na vida dos jovens de baixa renda no Brasil, o medo, o envolvimento ativo ou passivo em atos violentos e no tráfico de drogas são as marcas de uma geração em que estes atores estão sendo dizimados,

independentemente da camada social a que pertencem. Rompe-se com a associação entre miséria e violência, pois não são apenas os jovens de setores pobres os envolvidos em violência. No entanto, o abandono e a falta de perspectivas favorecem as dinâmicas perversas de recrutamento de meninos pobres pelo narcotráfico. A situação faz com que os moradores das periferias manifestem seu descontentamento como vítimas do processo de exclusão social e a vontade de serem reconhecidos e valorizados como cidadãos (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002).

Soma-se ao anterior, a carência de políticas públicas dirigidas à juventude e a falta de reconhecimento social. Estes vazios estimulam a geração dos jovens a vivenciar o desencanto, a descrença na legitimidade das instituições e a incerteza em relação ao futuro. Por este viés, “o futuro é o signo da incerteza, da instabilidade, da insegurança, ante a qual toda obra de autoconstrução moral vacila. (...) A promessa de mudança ultrapassa o horizonte positivo das utopias e da esperança, na medida em que ameaça com o desconhecido” (SOARES, 1996, p. 60).

No esboço das peculiaridades sociais do ambiente em que passam a se desenvolver os jovens, eles estão imersos num mundo marcado pelo esvaziamento de fronteiras culturais entre camadas sociais. Independentemente da origem, os jovens recebem, através da mídia, a mesma qualidade de informações de produtos e serviços oferecidos pelo mercado. Estejam adstritos a espaços periféricos ou centrais das localidades, desenvolvem gostos homogêneos, anseiam pelo mesmo tipo de bens de consumo. Porém, as fronteiras econômicas são acentuadas. Assim, ainda que os desejos sejam de igual natureza, as possibilidades de obtenção desses bens diferem enormemente entre uma camada social e outra. Isso leva a que os jovens pertencentes a famílias de escassos recursos econômicos vejam seus desejos frustrados. Nesta ordem de ideias, “a frustração remete mais ao indivíduo preocupado em consumir do que ao sujeito esforçando-se para construir-se” (WIEVIORKA, 2006, p. 204).

Em decorrência da frustração, o jovem, como sujeito que tem a capacidade de construir-se a si próprio, de escolher, de produzir sua existência, segundo a concepção de sujeito trazida por Wieviorka (2006), recorre a estratégias diversas para ter acesso ao consumo de bens desejados que podem desencadear no crime. É, por exemplo, a situação bastante conhecida do jovem que, como “sujeito contrariado, interdito, impossível ou infeliz” (WIEVIORKA, 2006, p. 203) comete crimes. Rouba, furta e/ou assassina para comprar droga ou para obter produtos da sociedade de consumo dos quais está privado pela escassez de recursos monetários de que dispõe. Pois o sujeito encontra na ação sua realização concreta mais importante, mesmo sendo destrutiva ou violenta. A violência é, portanto, o recurso utilizado para estar a par das demandas culturais de uma sociedade que lhe dá preeminência aos valores materiais, mas também é a forma de obter o reconhecimento simbólico de sua identidade social.

A análise do jovem imiscuído em drogas, baseada na avaliação moral, aponta para características do comportamento desviante, situação reforçada nas narrativas com a alusão à posição do indivíduo em sociedade. Trata-se de adolescentes, jovens, às vezes

sem dinheiro, sem ocupação. Postulam que a falta de emprego, em alguns casos, induz às pessoas a entrarem no negócio da droga. Deficiências na estrutura econômica e social são favorecedoras das condições de produção da violência e se refletem na estrutura familiar, no desemprego, na escassez de policiamento, no crescimento do tráfico de drogas, na formação de gangues e na socialização em ambientes ocupados por jovens viciados em drogas. Nesse contexto, a escola e a família perdem a referência que tiveram para gerações precedentes, como instituições de autoridade e de controle social.

Ao mesmo tempo, o binômio drogas-violência, percebido na pesquisa, revela que entre os motivos individuais que predis põem a incorrer em atos violentos é o consumo de álcool e drogas. O excesso no consumo desses produtos provoca a perda de consciência, estado no qual os jovens estão mais propensos a se envolver em crimes e brigas. Ou seja, o consumo de droga e bebida alcoólica potencializa a violência. Um jovem, sob o efeito de entorpecentes, tem uma forte tendência a cometer atos violentos. Segundo este raciocínio, e à luz de Hobbes (1999), o jovem bêbado ou drogado passa a agir por instinto e agride com mais facilidade. Paralelamente ao anterior, uma das consequências do uso de drogas por parte dos jovens é, como assinala Zaluar (2004), que estes começam como usuários de drogas e, posteriormente, são levados a roubar, assaltar e, às vezes, matar para pagar aqueles que os ameaçam de matar, caso não saldem a dívida.

A vulnerabilidade social dos jovens às drogas, referida nos parágrafos anteriores, apresenta certas peculiaridades específicas das cidades pequenas. Na análise dos dados acerca da vulnerabilidade às drogas na cidade do interior, observa-se que ela se manifesta em duas dimensões: sociológica e individual. Para discorrer acerca do assunto, nesse artigo apresenta-se primeiro o universo social da pesquisa e depois os elementos de vulnerabilidade às drogas, considerando tanto a dimensão social quanto a individual.

Cenário da pesquisa etnográfica: cidade de interior no Rio Grande do Sul

Para analisar de que maneira se expressa a vulnerabilidade às drogas numa cidade do interior, desenvolveu-se uma pesquisa etnográfica numa cidade de 4.791 habitantes, do Rio Grande do Sul. Nela, considerou-se a trajetória de 22 jovens, maiores de idade, usuários de drogas que tinham procurado assistência na Unidade Básica de Saúde.

A pesquisa parte das informações obtidas na abordagem inicial do problema, quando a pesquisadora fazia parte das Equipes de Saúde da Família do município, que desempenham a função de porta de entrada dos usuários de drogas ilícitas aos serviços de saúde. É comum, nos serviços de acolhimento de usuários, estes chegarem com higiene precária, desnutridos, desidratados e perturbados mentalmente por noites sem dormir. Os jovens usuários comparecem afetados pelos danos que lhes causa o uso da droga, não só à saúde, mas à instabilidade econômica e social, e buscam saídas. Geralmente demandam atendimento quando sofrem perdas materiais, financeiras, familiares e quando se sentem com a saúde debilitada.

As equipes receptoras aos usuários que procuram o serviço de saúde são formadas por profissionais que acolhem as demandas e avaliam a situação a partir dos discursos de quem procura ajuda, seja o usuário, um familiar do mesmo ou pessoas próximas a ele. A finalidade da escuta inicial é obter informações a respeito do usuário, a rede familiar e social em que está inserido, a relação que o usuário tem com a droga, que substâncias consome, o tempo e a frequência de uso e o grau de motivação para o tratamento.

Diversas situações marcam o contato do usuário com a Unidade Básica de Saúde: vontade própria, intervenção de familiares, internação compulsória, acompanhados por um oficial de justiça ou por um agente da polícia. Esta internação por via judicial geralmente acontece por solicitação familiar, quando o estado de saúde do usuário o exige e não apresenta nenhuma motivação para buscar tratamento. Registramos também um caso em que o usuário foi levado pelo empregador que valorizava seu desempenho no trabalho e decidiu intervir no problema do funcionário.

Após o primeiro contato com o usuário, o caso é discutido em reunião de equipe de saúde mental do município, momento em que é elaborado o plano terapêutico singular, sempre levando em conta a vontade de participação do paciente. Em casos de internação compulsória desenvolvem-se estratégias que estimulem sua participação. A alternativa de tratamento a ser adotada difere conforme o caso. Pode ser o atendimento compartilhado do NAAB (Núcleo de Apoio à Atenção Básica), o atendimento em oficinas terapêuticas, o atendimento em grupo, o atendimento individual com psicoterapia, a visita domiciliar, o encaminhamento ao Grupo de Alcoólicos Anônimos, a internação em hospital geral e/ou em comunidade terapêutica, incluindo mais de uma alternativa se necessário.

Cabe esclarecer que o NAAB é uma modalidade de incentivo financeiro a municípios pequenos para a implantação de equipes de apoio à Estratégia de Saúde da Família, específica do Rio Grande do Sul, formada por dois profissionais de nível superior e um profissional de nível médio. No município em questão, é formada por um educador físico, um psicólogo e uma auxiliar de enfermagem, todos com formação e experiência em saúde mental.

A equipe apresenta ao usuário e/ou familiares as diversas alternativas de tratamento e as etapas do processo que inicia quando o jovem assume tratar-se. Os profissionais apontam caminhos possíveis para mudar de situação e sair do problema. Transmitem esperança, não soluções mágicas. Nos termos de Duarte (2009), no acolhimento, o profissional faz junto ao paciente uma leitura positiva da situação. Enfatiza que o processo do tratamento é difícil, mas não impossível. A partir daí, na comunicação entre usuário e profissional de saúde se estabelece um vínculo primordial para a continuidade do tratamento.

Na análise das primeiras falas dos usuários com as equipes de saúde percebe-se que alguns deles enfrentam resistência em reconhecer o problema, a dependência de drogas. Negam-se a admitir o envolvimento. A esse respeito é ilustrativa a situação em que um deles, ao ser convidado pela pesquisadora a falar sobre sua trajetória nas drogas,

disse: “mas eu nunca usei”. Mesmo sabendo que a pesquisadora era também enfermeira, conhecia seu caso e sabia que esta afirmação não era verídica.

A negação é algo que aparece na maioria dos casos de dependência. Segundo Jurgeman e Zanelatto (2007), ocorre quando o indivíduo apresenta um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que o fazem continuar usando uma substância apesar de estar ciente dos problemas relacionados a ela. O adicto consegue usar drogas levando uma vida normal e não identifica o consumo como problema. Quanto ao tratamento da dependência, Figlie, Bordim e Laranjeira (2010) descrevem estágios de motivação para tal. Referem-se à primeira fase, da pré-contemplação, em que o usuário não sente necessidade de auxílio. A segunda é a fase da contemplação, quando o dependente aceita sua condição e as patologias associadas a ela e procura mudança.

A estratégia de pesquisa considerou simultaneamente as narrativas da população acerca da drogadição e as narrativas das trajetórias de sujeitos protagonistas deste fenômeno social. Narrativas construídas com base em entrevistas e em informações registradas no posto de saúde, disponibilizadas pelos usuários, por suas famílias ou por moradores da cidade. A relevância da análise das representações sociais em torno do assunto está em que permite compreender este fato social a partir das relações que os sujeitos estabelecem com o mundo no qual se inserem, a maneira como interiorizam experiências sociais e as interpretações que os próprios sujeitos fazem das mesmas. O texto fundamenta-se, portanto, no pressuposto de que as narrativas têm um caráter simbólico que ultrapassa o episódico das experiências vividas, pois as experiências individuais estão imbricadas em experiências sociais.

Vulnerabilidade social às drogas no marco da pequena cidade

A partir do estudo de caso desenvolvido em uma cidade de interior gaúcho, percebem-se fatores sociais de vulnerabilidade dos jovens que em algumas circunstâncias se assemelham aos levantados pela literatura no contexto das grandes urbes e em outros são decorrentes do modo de vida em pequenas cidades.

Uma das questões refere-se à influência da diluição das fronteiras físicas e culturais entre as cidades do interior do Rio Grande do Sul. No marco desse processo, o êxodo rural é um fenômeno expressivo e atrativo entre a população jovem das pequenas cidades do interior. No lugar onde nasceram, estes jovens não encontram condições de realizar um curso de educação superior ou técnica que lhes permita ampliar a formação escolar e desenvolver projetos profissionais. Assim, a opção de escolha é a emigração para outras cidades à procura de oportunidades de emprego e de formação profissional. Resultado disso é ilustrado com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2012, que indicam que nas últimas duas décadas a população de pequenas cidades diminuiu progressivamente. Na maioria dos casos, hoje são cidades-

dormitório, onde os trabalhadores têm suas casas para dormir no final da jornada, ou são ocupadas basicamente por aposentados.

As oportunidades na pequena cidade estão disponíveis para uma parcela de jovens, pertencentes a famílias de empresários bem-sucedidos do município. Mas esta não é a situação mais frequente. Muitos jovens, por motivos estruturais (econômicos, sociais ou emocionais), não encontram recursos para sair do município, viver o êxodo, e as atividades que conseguem desenvolver não lhes permitem ser independentes financeiramente das famílias de origem. Os vínculos empregatícios são precários, sem horários fixos de trabalho.

Além disso, a infraestrutura física destas cidades carece de espaços para os jovens desenvolverem atividades culturais e esportivas. Neste cenário, as atividades de lazer estão diretamente relacionadas à convivência com os amigos, a qual muitas vezes é mediada pelo uso da droga: “Tomo chimarrão às vezes, às vezes eu estou na droga”, disse um usuário em resposta à pergunta da pesquisadora acerca de que faz no tempo livre. Em geral, ao serem indagados acerca das atividades de lazer realizadas na cidade ficam pensativos, não encontram o que falar.

A partir das narrativas percebeu-se que a falta de ocupação em atividades produtivas e de lazer os incita ao consumo de drogas. Ao mesmo tempo, como manifesta um dos usuários, “quando estou muito parado” sente-se fragilizado para enfrentar o combate ao consumo de drogas. À luz do argumento de Carvalho et al. (2012), a inatividade desperta o desejo pelo uso de substâncias psicoativas. Isto é, a falta de labor, de atividades programadas e de compromissos podem criar no usuário uma sensação de vazio, que em algumas situações procuram preencher com uso de drogas.

As trajetórias dos sujeitos analisadas na pesquisa mostram também como o modo de vida na pequena cidade torna o problema da drogadição um “beco sem saída” para os usuários. Observa-se, ao acompanhar o processo do tratamento dos jovens que passam por um período de desintoxicação, primeiro através de internação hospitalar e depois em consultas ambulatoriais com a equipe de saúde, que ao voltarem aos ambientes que os seduziram às drogas o problema retorna. A escassez de ambientes acessíveis a estes jovens potencializa a vulnerabilidade à drogadição.

Tal como aconteceu com um dos usuários atendidos pela equipe de saúde. Durante os atendimentos ambulatoriais (em torno de um mês), manifestava dificuldade de manter-se abstinente, pois era abordado por traficantes quase que diariamente. Relatava fissura, choro frequente, desalento, dificuldade para reorganizar a rotina diária de atividades e as amizades sem o uso de drogas. Por fim, abandonou o tratamento. Como esse caso, foram diversos os conhecidos em que os usuários expressaram a ameaça que representa ao tratamento de recuperação à convivência em espaços sociais, como bares e lanchonetes, frequentados por usuários de drogas e traficantes. A convivência com consumidores de drogas desperta a vontade de consumo.

Percebeu-se também que outro fator que potencializa a inserção dos jovens no mundo das drogas nesta cidade é a discriminação social. Cidade ocupada por descendentes de italianos que colonizaram algumas áreas do Rio Grande do Sul e preservam os traços físicos de seus ancestrais, onde os negros são discriminados. Os negros (chamados de “brasileiros” pelos descendentes de italianos) são excluídos das redes familiares que compõem as famílias fundadoras da cidade que, apesar de terem nascido no Brasil, se identificam como italianas. Discriminam-nos não só por serem negros, mas porque este fenótipo os coloca na base da pirâmide social. Essa posição social limita o acesso ao mercado de trabalho formal e a outros espaços sociais. Encontram no mundo das drogas um espaço acessível, uma forma de canalizar a revolta pela exclusão social que sofrem.

A vitimização dos negros no mundo dos brancos não é exclusiva dessa pequena cidade, revelam os dados do Mapa da Violência dos jovens do Brasil em 2014 (WASELFSZ, 2014). Informações quantitativas demonstram que a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos é o homicídio, e atinge, principalmente, jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Nesse sentido, o mesmo fenômeno que Waiselfisz (2014) aponta como característico de grandes cidades, repete-se em cidades pequenas do interior do Rio Grande do Sul.

Quer dizer, a associação entre drogas e violência se expressa em ações juvenis tanto em pequenas quanto em grandes urbes. Alguns dos jovens contemplados no universo desta pesquisa, que se negaram a ser entrevistados, têm trajetórias de vida que evocam situações onde o consumo de droga desencadeia em violência, isto é, práticas nas quais os sujeitos ultrapassam os limites na relação ao outro. Práticas potencializadas quando o controle sob as substâncias químicas se perde, a dependência da droga alcança níveis incontroláveis. De igual forma que nas grandes cidades, nestes casos, a única forma de sustentar o vício é com o envolvimento em negócios ilícitos, principalmente o tráfico de drogas, roubos e outros. O exame da trajetória destes sujeitos-usuários revelou que um dos contemplados neste estudo estava cumprindo pena de detenção em regime fechado por tráfico. E outro havia sido recolhido à fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) por vários delitos.

Outra marca juvenil na sociedade contemporânea coloca os jovens usuários reféns de suas famílias. Os pais ou outros membros das famílias que convivem com estes jovens em seus lares, os prendem e lhes proíbem sair para prevenir que incorram em delitos. Fenômeno que se replica em pequenas cidades como a selecionada para pensar o problema em questão. A idade dos jovens contemplados na pesquisa revela que, apesar de terem em torno de 30 anos, o mais novo tinha 22 anos e o mais velho 50, não tinham conseguido estabelecer as bases para um projeto de vida familiar ou profissional independente do núcleo familiar de origem, e continuam a residir com o pai, mãe e/ou os irmãos.

Acerca desse fenômeno, Silveira e Wagner (2006) assinalam que a permanência prolongada do jovem em sua família de origem mostra que a ideia dos filhos criados para o mundo mudou na contemporaneidade. A realidade social, política e econômica atual dificulta a saída dos filhos da casa paterna, tornando este momento cada vez mais tardio. No caso dos usuários, a condição é reforçada porque, como a análise das trajetórias de vida deles revela, a convivência com a família de origem ajuda o jovem a controlar a dependência às drogas. Sob o teto familiar é menos vulnerável ao consumo porque além do controle do uso da droga, os membros da família controlam as finanças, impedindo que o jovem utilize seu dinheiro para manter o vício.

Porém, nem sempre a família protege o usuário do vício. Falhas na estrutura familiar tornam vulneráveis os jovens ao consumo das drogas. Ocorrem pelo descaso dos pais nas relações com os filhos: não participam de suas atividades nem lhes colocam limites. Esta situação costuma implicar na ruptura com um processo de socialização em família. E, através dessa ruptura, a possibilidade de se engajarem em outras formas de sociabilidade. Nos novos espaços sociais por onde passam a transitar, os jovens constroem visões de mundo e redes de sociabilidade, decisivas na escolha de futuros caminhos.

Acerca da incidência das configurações familiares na vulnerabilidade às drogas, destaca-se que o consumo frequente de bebidas alcoólicas, cigarro e medicamentos para dormir por parte dos pais são práticas, conforme os usuários, de convívio familiar. Esta relação com a droga entre as famílias é uma consequência da medicalização social que transforma em necessidades médicas as vivências, os sofrimentos e as dores (TESSER; POLI NETO; CAMPOS, 2010). Nesses contextos recorrem a remédios para curar a dor da falta de amor, a dor da ausência, a dor da perda. Apesar de amenizar ou mascarar os sentimentos, as substâncias usadas não tratam a causa dos problemas. No entanto, essas práticas familiarizam o jovem com o uso das drogas na solução de problemas emocionais.

Quanto ao perfil das famílias de origem dos usuários, na pesquisa percebeu-se que muitos deles são filhos de alcoólatras. A esse respeito, Formigoni e Abrahão (2010) argumentam que os filhos biológicos de alcoólatras apresentam uma probabilidade quatro vezes maior de se tornarem alcoólatras do que crianças adotadas cujos pais biológicos não eram alcoólatras. Contudo, embora possa existir uma predisposição genética tanto no desenvolvimento do alcoolismo quanto no de outras drogas, o ambiente social é o condicionante principal para o consumo das drogas.

O mesmo ambiente social que fragiliza os jovens enquanto sujeitos sociais os estimula a utilizar as drogas e o capital social, mediado por elas, como formas de poder. O empoderamento é evocado pelos jovens como estímulo ao consumo de drogas. Sob o efeito das drogas sentem-se superiores em relação aos outros. Um dos usuários entrevistados na pesquisa, por exemplo, refere-se à vontade dele e de sua turma de se mostrar, de chamar atenção, “se dava uma briga era nós que estávamos metidos no meio, então a gente sempre queria ser os caras”. Nesta fala, destaca-se a

exaltação do ego produzida pela ingestão da droga. Sob o efeito da droga, o jovem é otimista nas projeções de futuro, sente-se autossuficiente perante a vida que o circunda (BOTELHO; MEDEIROS, 2010).

Dimensão individual da vulnerabilidade dos jovens ao consumo de drogas

A dimensão individual tem a ver com as vivências inerentes a esta fase de vida, quer dizer, os conflitos subjetivos implícitos à fase de transição que é a juvenil são conflitos individuais de ordem psicológica e fisiológica que estimulam a entrar no mundo das drogas e, uma vez nele, dificultam sua saída.

Um dos argumentos é que na fase de vida juvenil, os jovens assumem posições sociais que denotam novos papéis sociais. Contexto no qual, em algumas circunstâncias, vivenciam um fenômeno característico da juventude, a curiosidade, que favorece o estímulo inicial para o consumo de drogas. Este foi um argumento utilizado de forma unânime pelos usuários em suas narrativas durante a pesquisa. O desconhecido, a atração pela novidade gera a vontade de experimentar, testar-se, transcender-se.

O fenômeno aludido antes acontece numa fase da vida em que o indivíduo enfrenta conflitos existenciais. Dayrell (2003) pondera que a juventude representa um momento de crise, dominada por conflitos com a autoestima e a insegurança. Tal característica desta fase da vida se reflete no uso da droga, na procura de afirmação pessoal. Conforme a fala de um jovem usuário entrevistado, representa um recurso através do qual conseguem se expressar verbalmente com soltura e agir com força e dinamismo: “tu solta a língua, tu começa a falar sobre tudo, a te sentir mais dinâmico, sabe, tu tem coragem pra tudo.... tu é o bom do mundo, tu não tem problema nenhum”.

Em certos casos, a vulnerabilidade à drogadição não tem tanto a ver com as marcas da idade e sim com características de temperamento. A dificuldade para lidar com limites é provocada pela forma como se lida com eles no espaço familiar, gera temperamentos ansiosos. É o caso de um jovem que se considera “muito ansioso, eu sempre queria mais”. Temperamento que, conforme sua autoanálise, o levou ao vício. Deste modo, o fato de não conseguir lidar com limites materiais e imateriais para atingir os desejos pode levar, às vezes, ao consumo de droga.

Um dos fenômenos que os torna mais vulneráveis às drogas durante o processo de abstinência que ocorre no tratamento é o que Formigoni, Kessler e Pechansky (2009) chamam de fissura. Caracteriza-se por um desejo intenso e quase incontrolável, muitas vezes com modificação do comportamento, compreensível ao entender os fatores neurobiológicos afetados: “Observou-se que, tanto o uso agudo como o uso crônico de drogas provoca mudanças na função cerebral, e que elas persistem por longo tempo após a retirada da substância” (p. 19).

São diversos os elementos que perpassam a entrada dos jovens ao mundo das drogas. Mas, uma vez nele, a saída é muito complicada, como se observa ao assinalar

fatos sociais e individuais que os vulnerabilizam e que são eloquentes nas narrativas construídas durante o tratamento contra as drogas. Percebe-se que o afeto é um fator que contribui para persistir no processo de saída do mundo das drogas. Quando se estabelece um vínculo afetivo significativo entre o usuário e a equipe das profissionais de saúde que participa do processo, o tempo do tratamento é mais prolongado. Contudo, é um processo complexo, de avanços e retrocessos, que solidariza os envolvidos. A equipe acompanha com fulgor os logros dos usuários, como a disposição para planejar projetos futuros, praticar esportes, poupar dinheiro, entre outros. Mas, ao mesmo tempo, frustra-se diante das situações de fragilidade e dificuldades na caminhada expressas pelos usuários.

Uma das dificuldades mais eloquentes dos usuários nesse processo é a verbalização do problema. É dolorido falar sobre dependência química, mais ainda quando subjaz um sentimento de culpa pelos danos que o uso da droga causa no usuário e em quem o rodeia. Situação diante da qual se sente sozinho. Considera-se ele mesmo o responsável pelos danos. E as dificuldades se impõem sobre os logros.

Enfim, o que revela esta pesquisa é que a drogadição entre jovens no marco de uma pequena cidade é um fenômeno que deve ser abordado não apenas como problema de saúde individual e pública, mas um problema recrudescido por elementos de natureza cultural, social, econômica e ambiental no qual eles constroem suas vidas.

Referências

BOTELHO, B. H. F.; MEDEIROS, E. A criança, o adolescente e a droga. In: SEIBEL, S.D. **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, p. 39-58, 2010.

CARVALHO, Adriane Maria Arantes de et al. **Inovação Social em Políticas Públicas: a juventude em foco**. 2012.

CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cad. Pesquisa**, n.116, São Paulo, jul. 2002).

DAYRELL, J. G. **O jovem como sujeito social**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2003.

DUARTE, PAV. Recursos da comunidade para lidar com o uso abusivo e a dependência de álcool e outras drogas: alternativas e reinserção social. In: CRUZ, M.S. (coord). **As redes comunitárias e de saúde no atendimento aos usuários e dependentes de substâncias psicoativas: módulo 6**. 3. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2009.

FAVERO, SPOSITO, CARRANO e NOVAES (Orgs). **Juventude e Contemporaneidade**-Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284p. .

FIGLIE, Neliana Buzi; BORDIN, Selma; LARANJEIRA, Ronaldo. **Aconselhamento em dependência química**. São Paulo: Roca, 2010.

- FORMIGONI, M. L. O. S.; ABRAHÃO, K. P. Neurobiologia da dependência de substâncias psicoativas. In: SEIBEL, S. D. (Orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2010. p. 59-70.
- FORMIGONI, M.L.O.; KESSLER, F.; PECHANSCKY, F. Neurobiologia: mecanismos de reforço e recompensa e o efeito biológico comum das drogas. In: LACERDA, R.B. (coord). **Efeitos de substâncias psicoativas no organismo: módulo 2**. 3. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2009.
- HOBBS, Thomas. **HOBBS** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- JUNGERMAN, F. S.; ZANELATTO, N. A. **Tratamento psicológico do usuário de maconha e seus familiares: um manual para terapeutas**. 2007.
- MEJIA, M.R.G. Territórios e direitos humanos dos jovens no interior do Rio Grande do Sul. **Revista Signos**, n. 2, 2012.
- NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Razão e afetividade: o panorama de Lucien Levy-Bruhl**. Campinas, Unicamp. 1991. Coleção CLE, v.8. p. 180.
- SILVEIRA, Paula Grazziotin; WAGNER, Adriana. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estud. Psicol.** Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, 2006.
- SOARES, Luís Eduardo. **O inominável, nosso medo**. Violência e política no Rio de Janeiro, p. 59-64, 1996.
- TESSER, C.D; POLI NETO, P; CAMPOS, G.W.S. Acolhimento e (des) medicalização social: um desafio para as equipes de saúde da família. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 15, n. Supl. 3, p. 3615-24, 2010.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência**. Fonte: Mapa da Violência: os jovens do Brasil. http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf
- WIEVIORKA, Michel. **Em que mundo viveremos?** Trad. Eva Landa e Fabio Landa- São Paulo: Perspectiva, 2006.
- ZALUAR, Alba. Cultura, educação popular e escola pública. In: **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas/ Alba Zaluar** – RJ- Editora FGV, 2004.